

Depoimentos, testemunhos, confissões

Georges Duby

No Ocidente medieval, as mulheres falavam. Falavam mesmo muito. Os homens achavam que elas falavam de mais, e na primeira fila dos defeitos que os pregadores nelas denunciavam estava a tagarelice. No entanto, por muito volúveis que tenham sido, quase nada chegou até nós das suas palavras. Antes do fim do século XIII, o silêncio é quase total. É certo que alguns escritos que datam de épocas mais antigas se dizem ser obra de uma mulher. Mas existem fortes razões para atribuir a maior parte deles a um homem. E quando não é o caso, quando a mão é seguramente feminina, ela aplica-se a escrever como o fazem os homens, ou mesmo a copiar muito simplesmente tal tirada que escritores da antiguidade clássica colocavam na boca das suas heroínas. Para captar uma voz de mulher que não seja deformada, virilizada no espartilho da retórica ou travestida pelo plágio, há que procurar o seu eco nos formulários dos escribas encarregados de registar depoimentos, testemunhos, confissões. Eles escreviam quase sempre em latim, o que ergue ainda um ecrã: há que tentar traduzir, encontrar as palavras verdadeiras. É aí no entanto que se ouve, viva e sem afectação, a palavra feminina. Mas só se começa a ouvi-la bastante tarde, depois de os poderosos se terem rodeado de gente de pena, depois de as instâncias judiciais terem começado a requerer provas escritas, a inquietar-se em perscrutar nas consciências para estabelecer a verdade.

Entre os manuscritos que conservam tais declarações, escolhi um dos mais antigos e dos mais ricos, aquele que o futuro papa Bento XII, Jacques Fournier, fez transcrever em 1326, um texto que se pode facilmente consultar na edição e na tradução que dele nos deu Jean Duvernoy¹.

Nesse momento, Jacques Fournier deixava o tribunal episcopal de Pamiers para ocupar o de Mirepoix. Durante nove anos, cumprindo com total equidade os deveres do seu cargo, ele tinha perseguido

Devido à sua importância na produção biológica e na transmissão de conhecimentos, as hierarquias e valorações das mulheres pertencentes a um grupo determinado fazem parte de um sistema que por sua vez surge da organização sócio-política feudal. Retrato de uma mulher, procedente do retábulo da Transfiguração de Martorell. Barcelona, Catedral.



As figuras vão-se libertando do hieratismo e da abstracção, e animam-se com expressões mais «humanas» e pessoais. Nesta estátua-coluna com figura de mulher estamos a um passo do retrato. Algo de semelhante ocorre com a consideração pelas mulheres. Escultura do túmulo de S. Lázaro, século XII. Autun, Catedral.

nesta diocese todos os desviantes, todos aqueles acerca dos quais tinha informação que usavam malefícios ou tinham aderido à heresia cátara. Esta, após um recente retorno da chama, tinha perdido muito da sua virulência. Dominicanos e franciscanos tinham quase inteiramente purgado dela a planície. Contudo, repelida para as aldeias e pastagens da montanha, ainda se mostrava vigorosa nessas zonas. E em 1320, quando perseguia uma mulher que diziam ser feiticeira, Jacques Fournier tinha deparado por acaso com uma outra mulher, Beatriz, que lhe pareceu meter-se ela também na feitiçaria e que, além disso, fazia afirmações inquietantes a respeito do corpo de Cristo. O prelado interrogou-a uma primeira vez. Assustada, ela fugiu. Encontraram-na e capturaram-na. O que ela confessou levou a fazer avançar vivamente o inquérito na aldeia de Montaillou. Homens, mulheres, muitas mulheres, tiveram que se apresentar perante o bispo. Inteligente, curioso, atento a discernir os menores traços de maldade, este pressionou-os com perguntas, exigindo do notário a elaboração de um relatório muito completo do que forçava os réus a revelar. A transcrição dessas minutas é abundante. Extraio delas apenas algumas frases que duas mulheres pronunciaram. Por certo que não de livre vontade, constrangidas, mas obrigadas justamente a libertar o profundo de si próprias. São ambas viúvas. Uma, Grazida, é uma camponesa com cerca de vinte e dois anos. A outra, nobre, esposa de cavaleiro, muito mais velha, é essa mesma Beatriz através de quem o escândalo tinha rebentado. Sob o seu nome de solteira, Beatriz de Planissolles, ela tornou-se célebre desde que o filósofo occitano René Nel'i fez dela a personagem principal de um libreto de ópera, e sobretudo desde que Emmanuel Le Roy Ladurie publicou em 1975, com o sucesso que se sabe, um fino estudo etnográfico da população de Montaillou.

Ouçamos primeiro Grazida, que foi interrogada a 19 de Agosto de 1320:

Há mais ou menos sete anos, diz ela, no Verão, o cura (*trata-se de Pedro Clergue, cura de Montaillou*) veio a casa de minha mãe, que estava então nas ceifas, e pediu-me que permitisse que ele me conhecesse carnalmente. Eu consenti. Eu, na altura, era virgem e podia ter, ao que me parece, aí uns catorze ou quinze anos. Ele desflorou-me no palheiro, onde se encontram as palhas.

Contudo, não me fez nenhuma violência. Depois, conheceu-me várias vezes até ao mês de Janeiro seguinte, e foi sempre em casa de minha mãe, com o conhecimento e o consentimento desta. Isto passava-se sobretudo de dia.

Em seguida, neste mês de Janeiro, o cura deu-me como esposa a Pedro Lizier, meu defunto marido, após o que este padre, com o conhecimento e o consentimento do meu marido, me conheceu carnalmente muitas vezes, e durante os quatro anos em que o meu marido viveu. Quando o meu marido me perguntava se esse padre tinha tido comércio

comigo, eu respondia-lhe que sim e o meu marido dizia-me que me defendesse dos outros homens, salvo desse padre. Todavia, este padre não me conheceu nunca quando o meu marido estava em casa, mas quando estava ausente...

— *Se tu tivesses sabido que a tua mãe era prima direita desse cura, por bastardia, terias aceitado ser conhecida por ele?*

— Não. Mas porque isso me dava prazer, assim como ao cura, quando nós nos conhecíamos carnalmente, eu não pensava, por isso, pecar com ele.

— *Quando eras conhecida por este padre, seja antes de teres um marido, seja durante o casamento, julgavas estar a pecar?*

— Porque nessa época isso me agradava, e ao cura também, o conhecermo-nos mutuamente, eu não acreditava, e não me parece, que fosse um pecado. Mas porque agora já não me agrada ser conhecida por esse padre, se o fosse, julgaria pecar.

— *Se uma tal união te tivesse sido proibida pelo teu marido, terias acreditado estar a pecar se de seguida te tivesses unido a esse padre?*

— A supor que o meu marido mo tivesse proibido, o que ele não fez, eu não teria acreditado estar a pecar se, contra a sua proibição eu me tivesse unido carnalmente com este padre, uma vez que me agradava a mim e a esse padre...

— *Acreditas que as pessoas que se conduzem bem e levam uma vida santa irão para o paraíso depois da morte e que os pecadores entrarão no inferno, e acreditas que haja um inferno e um paraíso?*

— Não sei. Ouvi dizer que há um paraíso, e acredito. Ouvi dizer que há um inferno, mas isso, *diz ela*, não acredito nem o nego. Acredito que há um paraíso porque é uma boa coisa, pelo que ouvi dizer, mas não creio nem nego o inferno, porque é uma coisa má...

— *Ainda crês que a união carnal não é um pecado quando agrada ao homem e à mulher?*

— Não acredito que seja um pecado.

— *Durante quanto tempo permaneceste tu nesta crença?*

— Desde o tempo em que fui conhecida por esse padre.

— *Quem te ensinou esse erro?*

— Ninguém. Eu própria.

— *Ensinaste-o a alguém?*

— Não, não me fizeram perguntas sobre isso.

O interrogatório de Beatriz tinha-se prolongado durante duas semanas, entre 13 e 25 de Agosto de 1320. Retiro, em primeiro lugar, das respostas desta mulher o que ela confessou a pouco e pouco dos seus amores múltiplos. Jacques Fournier constrangeu-a a falar, uma vez que alguns dos seus amantes lhe tinham ensinado sobre a heresia um pouco mais do que ela tinha aprendido com o pai. Descobre-se aqui que a mulher de boa linhagem não estava mais protegida do que a camponesa contra os ataques masculinos nem contra o seu próprio desejo. Acabada de casar, sem dúvida com uma quinzena de anos, já grávida, vivia ela no castelo de Montailou, do qual o seu primeiro esposo era o guardião, quando o administrador do domínio, Raimundo Roussel, lhe propôs que partisse com ele

para a Lombardia, para se juntarem aos «bons cristãos», os Perfeitos do catarismo:

Uma vez que, frequentemente e em diversos lugares, *diz ela*, esse Raimundo me fazia os seus discursos heréticos e me convidava a partir com ele, por fim, numa noite em que tínhamos jantado juntos, ele entrou às escondidas no quarto onde eu dormia e pôs-se debaixo da minha cama. Depois de ter posto ordem na casa, entrei na minha cama. As pessoas da casa repousavam e dormiam. Eu também dormia. Raimundo saiu de baixo da minha cama, pôs-se em camisa comigo e pôs-se a fazer como se quisesse deitar-se carnalmente comigo. Eu disse: «O que é isto?». Ele mandou-me calar. Eu respondi: «Eh, camponês, como posso eu calar-me?». Pus-me a gritar e a chamar as minhas criadas que dormiam comigo nesse mesmo quarto, dizendo-lhes que havia um homem comigo na cama. Ouvindo isto, Raimundo saiu da cama e do quarto. No dia seguinte, disse-me que tinha feito mal em se esconder junto de mim. Respondi-lhe: «Agora é que eu vejo bem: quando me propúnheis irmos juntos ter com os bons cristãos, não me dizíeis isso senão para me terdes e conhecerdes carnalmente. Se eu não tivesse medo que o meu marido julgasse que eu fiz qualquer coisa desonesta convosco, mandar-vos-ia meter imediatamente no fundo da torre».

Beatriz não permaneceu muito tempo tão arisca:

Em vida do meu marido, *diz ela*, um dia, a 10 de Agosto, Raimundo Clergue, dito Pathau, filho natural de Guilherme Clergue, irmão de Pons Clergue que foi o pai de Pedro Clergue, agora cura de Montailou, forçou-me no castelo e conheceu-me carnalmente. E quando, um ano mais tarde, o meu marido Berenger de Roquefort morreu, esse Raimundo manteve-me publicamente.

Ainda que esse dito cura, primo direito de Raimundo, soubesse que ele tinha comércio comigo, pediu-me que aceitasse ser conhecida por ele. Perguntei-lhe como é que ele podia reclamar isso sabendo que o primo dele me conhecia carnalmente e que o descobriria depressa. O cura respondeu-me que ele não tinha nada com isso nem que se incomodar. «Eu bem sei que não, mas posso ser-vos mais útil e dar-vos mais do que esse bastardo». Disse-me ainda que ambos, ele, o cura, e Raimundo, poderiam ter-me juntos. Respondi-lhe que nunca na vida o permitiria, porque haveria dissensão entre eles por minha causa e que cada um, por causa do outro, me vilipendiaria. Desde que o padre me conheceu carnalmente, não tive mais comércio carnal com esse Raimundo, ainda que de tempos a tempos ele tenha tentado. Por isso, entre Raimundo e o padre houve um ódio escondido que eu conhecia.

Pedro Clergue tinha-a assediado pela primeira vez quando, durante a Quaresma,

eu quis, *disse ela*, ir confessar os meus pecados à igreja de Montailou. Quando aí fui, dirigi-me ao cura que ouvia as confissões atrás do altar de Santa Maria. Quando me ajoelhei perante ele, deu-me um beijo, dizendo que não havia mulher no mundo que ele amasse tanto como eu. Espantada, fui-me embora sem me ter confessado. Mais tarde, na altura da Páscoa, ele visitou-me várias vezes, e pediu-me que lhe permitisse conhecer-me carnalmente. Um dia que ele assim me solicitava em minha casa, eu disse-lhe



que preferia ser conhecida por quatro homens do que por um único padre, porque tinha ouvido dizer que uma mulher que tinha sido conhecida carnalmente por um padre não podia ver a face de Deus. Ao que ele me respondeu que eu era pateta e ignorante, pois que é igualmente um grande pecado para uma mulher ser conhecida pelo seu marido ou por qualquer outro homem, e que o pecado é o mesmo seja qual for o homem, marido ou padre. Segundo ele, era mesmo um pecado maior com o marido porque a esposa julgava não pecar com um marido, mas julgava pecar com outros homens.

Beatriz cedeu no princípio de Julho. Ela abandonou-lhe o corpo, uma noite, em casa dela, perto do castelo, onde o cura desde então a visitou regularmente duas ou três vezes por semana, sem se impor abstinência, mesmo aquando das festas mais solenes. A ligação durou um ano e meio, até que Beatriz deixou Montaillou para ir para Prades.

Pedro Clergue, *confessou ela em 22 de Agosto*, veio aí para me ver. Disse-me que enviaria João, seu discípulo, cujo nome de família ignoro, procurar-me, pedindo-me que viesse dormir com ele na noite seguinte. O que eu aceitei. À hora do primeiro sono, estava eu em minha casa nessa noite, à espera desse discípulo. Ele veio, eu segui-o, pois a noite estava

Cena numa hospedaria. Na parede fundo, armas e objectos pertencentes aos clientes. À mesa e em bancos de madeira, homens e mulheres, alguns entregues a jogos de mesa. Ao centro, uma mulher chama a atenção do seu companheiro para a cena violenta que está a ocorrer a seu lado. A quotidianidade autêntica descrita nos frescos do século XV do castelo de Issogne inclui a exibição das paixões humanas.

escura, e chegámos à igreja de São Pedro de Prades, onde entrámos. Encontrámos Pedro Clergue, que tinha preparado uma cama na igreja. Eu disse-lhe: «Ei, como poderemos nós fazer uma coisa destas na igreja de São Pedro?». Ele respondeu: «Mas que mal fará isso a São Pedro?». Dito isto, entrámos na cama e dormimos juntos na igreja. Nessa noite, nessa igreja, ele conheceu-me carnalmente. Depois, antes da aurora, ele próprio me fez sair da igreja e levou-me à porta da casa onde eu morava.

Pouco tempo depois, a 15 de Agosto de 1301, Beatriz tomou um segundo marido na planície. Nas vindimas seguintes, o cura de Montailhou veio juntar-se-lhe, fingindo ser de Limoux.

Entrando em minha casa, disse-me que a minha irmã Gentil, que mora em Limoux, me saudava, e eu recebi-o. Entrámos os dois na adega da casa e aí, ele conheceu-me carnalmente, enquanto Sibila, a filha de Arnaldo Teisseyre, minha criada, ficava à porta da adega. Na véspera, ela tinha trazido da parte desse cura um brial trabalhado, de Barcelona, com uma renda encarnada e uma outra amarela, de seda. Ela tinha-me dito que ele devia vir no dia seguinte, para que ninguém viesse, e que se alguém aparecesse inesperadamente não suspeitasse que nós cometíamos o mal, o cura e eu. É por esta razão que esta criada se mantinha no meio da porta aberta da adega na qual eu me unia a esse padre.

Tendo enviuvado pela segunda vez, Beatriz, cinco anos antes do interrogatório tinha deitado os olhos para Bartolomeu, padre da paróquia onde agora residia e que ensinava as suas filhas mais novas. Ela teve prazer com ele, sempre durante o dia, quando estava só em casa, desde o mês de Junho até ao Pentecostes. Partiram de seguida juntos para a encosta catalã dos Pirenéus, no condado de Pailars. Com efeito, nestas paragens, os padres viviam à luz do dia com concubinas, a quem se ligavam por contrato perante o notário, como se se tratasse de um casamento. O casal assim formado durou um ano. Quando, aterrorizada pelas primeiras perguntas de Jacques Fournier, Beatriz procurou escapar à inquisição, foi para junto deste último amante que ela partiu, de cabeça perdida.

Nas bagagens que tinha levado encontravam-se alguns objectos estranhos. Para os inquisidores, não havia dúvida: tratava-se dos aprestos de uma feiticeira. Ela explicou-se:

Estes cordões umbilicais, tive-os, *diz ela*, dos filhos machos de minhas filhas e conservei-os porque uma judia, depois baptizada, me tinha dito que se eu os usasse e tivesse um processo, não o perderia. Foi por isso que fiquei com os dos meus netos e os conservei. Entretanto, não tive processos e não pude verificar a eficácia destes cordões.

Estas roupas manchadas de sangue estão manchadas do sangue menstrual de minha filha Filipa. Essa judia baptizada tinha-me dito que se eu guardasse o primeiro sangue que saiu desta rapariga e que se eu desse de beber destes mênstruos ao marido dela ou a outro homem, esse homem nunca mais se importaria com outra mulher. Assim, quando a minha filha Filipa, há já

muito tempo, teve as suas primeiras regras, eu olhei-a na cara; estava con-gestionada; perguntei-lhe o que é que ela tinha. Disse-me que perdia sangue pela vulva. Lembrando-me do que me tinha dito esta judia baptizada, cortei um bocado da camisa de minha filha Filipa, que estava manchada com este sangue, e como me parecia que não havia bastante, dei à minha filha um outro bocado de tecido de linho muito fino para que, quando tivesse as regras, tingisse e molhasse este pano. Ela fê-lo. Sequei estes panos com a intenção, quando ela tivesse um marido, de lhe dar a beber destes mênstruos, espremendo-os destes panos previamente molhados. Filipa ficou noiva este ano e eu propus-me dá-los a beber ao seu prometido. Mas pensei que era melhor fazê-lo quando o marido tivesse conhecido carnalmente Filipa. Seria ela que lhos daria pessoalmente a beber. Quando fui presa, o casamento ainda não tinha sido consumado e ainda não tinham sido feitas as núpcias; portanto não o dei a beber ao marido.

Não foi para um malefício que pus estes panos na bolsa com os grãos de incenso. Eis como aconteceu. Eu não tinha o incenso para fazer um malefício. Mas este ano, a minha dita filha sofreu um mal de cabeça. Disseram-me que o incenso misturado com outras coisas curava esse mal. Sobraram grãos de incenso que foram encontrados comigo, neste saco. Não tinha intenção de fazer mais nada.

Nem o espelho, nem a faca embrulhada, nem o bocado de pano de linho, eu os tinha ou os trazia para fazer um malefício ou um sortilégio.

O grão embrulhado numa musselina é o grão de uma erva que se chama iva. Deu-mo este ano um peregrino, dizendo que ele tinha virtude contra a epilepsia. Como neste ano o meu neto, filho da minha filha Condors, sofria de epilepsia, eu quis utilizar este grão. Mas a minha filha disse-me que tinha levado o filho à igreja de São Paulo, que aí ele tinha sido curado dessa doença, e que ela não queria que eu fizesse nada ao filho por causa dessa doença. Portanto não me servi dele.

— *Fizeste outros malefícios, ensinaste-os, participaste-os a alguém?*

— Não. No entanto, eu acreditei por vezes que Bartolomeu, esse padre, me tinha feito um malefício, porque eu o amava com demasiada paixão, e queria estar sempre com ele, ainda que, quando o conheci pela primeira vez, as minhas regras já tivessem cessado. Interroguei-o sobre isso. Ele negou sempre.

Estas duas mulheres abjuraram a heresia, foram absolvidas e compareceram a 3 de Março de 1321 perante o inquisidor da heresia para todo o reino de França. A 8 de Março, foram condenadas ao muro, ou seja, a prisão perpétua. Mas a 4 de Julho de 1322, beneficiaram ambas de uma comutação de pena. Libertadas, tiveram de usar sobre as roupas, para o resto das suas vidas, as cruces amarelas, sinal que convidava o público a desconfiar, a não se aproximar de perto desses corpos outrora maculados.

Nota

1. *Le registre d'inquisition de Jacques Fournier, évêque de Pamiers (1318-1325)*, 3 volumes, Toulouse, 1965, e *Le registre d'inquisition de Jacques Fournier*, 3 volumes, Paris-Haia-Nova Iorque, 1978.